

Edição diplomática de *Atrás do pensamento: monólogo com a vida*, de Clarice Lispector

Tagiane Mai* 

Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.
E-mail: tagiane.mai@ufsm.br

Resumo

Apresentam-se a edição diplomática e os respectivos fac-símiles das primeiras dez páginas do datiloscrito “Atrás do pensamento: monólogo com a vida”, de Clarice Lispector, juntamente com a reprodução e edição diplomática da nota manuscrita “Calo-me”. Ambos os testemunhos integram o romance *Água viva*, publicado em 1973. O material é parcialmente inédito e encontra-se disponível para consulta apenas presencial na sede do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, mediante agendamento. As reproduções e edições diplomáticas ora apresentadas foram autorizadas pelo herdeiro e detentor dos direitos de publicação da autora. Pretende-se, com esta fonte primária, subsidiar novas análises e interpretações da referida obra, bem como abrir caminho para que outros pesquisadores se debrucem sobre a integralidade do documento e contribuam para a fortuna crítica clariciana.

Palavras-chave

Água viva, Clarice Lispector, Edição Diplomática.

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Editores convidadas

Huda Santiago
Pedro Daniel Souza

Dossiê

Diálogos entre a
Sócio-História do
Português e a História
Social da Cultura Escrita

Recebido: 03/09/2022

Aceito: 25/07/2023

Como citar:

MAI, Tagiane. Edição diplomática de *Atrás do pensamento: monólogo com a vida*, de Clarice Lispector. *Revista LaborHistórico*, v.9, n.2, e54349, 2023. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v9i2.54349>

* Mestre em Edição de Texto pela Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.

Estou entrando sorratamente em contato com uma realidade
nova para mim
e que ainda não tem pensamentos correspondentes e muito
menos ainda uma palavra que a signifique.
É mais uma sensação atrás do pensamento.

(Lispector, 1998, p. 62).

Clarice Lispector publicou *Água viva* em agosto de 1973, pela editora Artenova. Contudo, a primeira versão do texto, então intitulada “*Atrás do pensamento: monólogo com a vida*”, teria sido concluída ainda em julho de 1971, segundo relato de Alexandrino E. Severino (1989). Ocorre que Clarice hesitou por muito tempo em publicar o livro, sobretudo tal como fora concebido inicialmente. Aconselhando-se com amigos próximos, como o professor e filósofo José Américo Motta Pessanha, recebeu deste apontamentos sobre o modo como o livro lhe despertara uma impressão incerta – “anotações? pensamentos? trechos autobiográficos? uma espécie de diário (retrato de uma escritora em seu cotidiano)? No final achei que é tudo isso ao mesmo tempo” (Pessanha, 2019, p. 134).

A autora trabalhou intensamente sobre os originais, realizando substituições, acréscimos, correções e supressões – das 188 páginas iniciais, o livro sairia com 115, apenas. Ela alterou a ordem das palavras e a posição dos parágrafos, embora sem alterar significativamente a estrutura das frases. Até a versão definitiva do texto, Clarice produziu duas versões completas do original, que documentam diferentes fases da elaboração da obra. Trata-se das versões intituladas “*Atrás do pensamento: monólogo com a vida*”, aos cuidados do Instituto Moreira Salles (IMS), e “*Objecto gritante*”, sob a guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), ambos sediados no Rio de Janeiro.

A respeito de “*Atrás do pensamento*” especificamente, a versão mais citada desse texto é aquela que Severino recebeu de Clarice em 1971 e que atualmente se encontra depositada na biblioteca da Universidade de Vanderbilt, em Nashville, nos Estados Unidos. Segundo Montero (2021), esse datiloscrito possui anotações a caneta e trechos sublinhados em vermelho, que dão mostras do exaustivo cotejo realizado por Severino entre “*Atrás do pensamento*” e a versão publicada do livro. Outra versão do texto, menos conhecida, mas aparentemente igual à que esteve com o professor – ao que pudemos apurar, as citações e a paginação referidas por Severino (1989) coincidem com a cópia que consultamos –, está disponível no IMS do Rio de Janeiro.

Trata-se de uma fotocópia, composta por 151 páginas datilografadas e numeradas, em papel texturizado, na cor creme, em formato 216×320mm. Possui emendas à mão autógrafas a lápis, a tinta azul e em cor não identificada (porque anteriores à fotocópia), além de marcações na margem esquerda (“x”, “?”, “[” e traços). As páginas 100 e 101 são iguais (mesma fotocópia), e há páginas com aspecto de colagem, assemelhando-se a papéis avulsos que foram xerocados na mesma folha. Junto desse

material também há uma pasta com as inscrições “manuscrito Água viva”, “Inês” e “(Clarice)”, a tinta azul, na qual o documento estava originalmente guardado e onde também consta a nota manuscrita “Calo-me”.

Considerando que a versão mais citada desse testemunho é aquela que estava em posse de Alexandrino Severino, mas que não se encontra facilmente acessível aos leitores brasileiros, e que as reproduções disponíveis no *site* do IMS limitam-se a poucas páginas desse documento e possuem baixa resolução, o que impossibilita a leitura, sublinhamos o caráter original das reproduções e da edição diplomática que ora facultamos, as quais foram preliminarmente apresentadas em nossa dissertação de mestrado¹. Para esse efeito, agradecemos novamente ao herdeiro e detentor dos direitos de publicação, Paulo Gurgel Valente, e à Coordenadoria de Literatura do IMS, que intermediou o processo de autorização da publicação.

Relativamente às condições de acesso à fonte, o testemunho encontra-se integralmente disponível para consulta apenas presencial, na sede do IMS (Rua Marquês de São Vicente, 476 – Gávea – Rio de Janeiro – RJ). No portal de acervos do instituto, o material é descrito, entre outros detalhes, da seguinte forma²:

Código de referência: BR IMS CLIT CL CL Pi
Autoria: Lispector, Clarice
Título: [Água viva]
Local: S.l.
Data: 19--
NÍVEL DE DESCRIÇÃO: Dossiê
Dimensão e suporte: Textual; 151 f.
ARQUIVO/COLEÇÃO: Lispector, Clarice, 1920 - 1977
Âmbito e conteúdo: Dossiê referente ao livro *Água viva* formado pelos textos em prosa *Atrás do pensamento: monólogo com a vida e Calo-me...*

A respeito da pasta que contém o dossiê, lemos, no canto superior direito, a inscrição “manuscrito Água viva”, a tinta azul-clara; abaixo, centralizado na página, em maiúsculas e sublinhado, o nome “Inês”, a tinta azul mais escura; e, abaixo deste, entre parêntesis, o nome de Clarice, na mesma tinta azul-escura. O nome ao centro da página, manuscrito pela autora, remete-nos a Inês Besouchet, psicanalista judia que tratou Clarice durante um período dos anos 1960. Segundo Moser (2013), a

¹ Intitulada *Por trás do pensamento e do objeto gritante: edição e análise de datiloscritos de Água viva, de Clarice Lispector*, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Sepúlveda e coorientação do Prof. Dr. Carlos Mendes de Sousa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/141376>. Acesso em: 21 ago. 2022.

² A descrição completa pode ser consultada em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/8590026443>. Acesso em: 21 ago. 2022.

terapeuta tornou-se amiga próxima de Clarice, tendo inclusive recebido uma dedicatória no livro *A legião estrangeira* (1964), publicação de composição híbrida, em que, já na década de 1960, Clarice lançava reflexões sobre seu processo criativo (Montero, 2021). A inscrição permite admitir que essa cópia de “Atrás do pensamento” fosse destinada ou estivesse em mãos de Inês, mais uma das pessoas amigas a quem Clarice pode ter enviado os originais do livro, solicitando uma opinião.

Da primeira página transcrita, destacamos a presença do subtítulo “Monólogo com a vida”, que também figurará como subtítulo de “Objecto gritante”, mas acabará sendo excluído pela autora na versão publicada e entendida por ela como definitiva. A respeito desse ato de falar consigo próprio, Rosenbaum (2002, p. 52) menciona justamente que *Água viva* seria um “monólogo dialogado” de um eu que se dirige a um tu imaginário, anônimo – e que, portanto, pode metaforizar a própria vida. Merece destaque também a dedicatória acrescentada à mão por Clarice. Ao que nos foi possível apurar, as iniciais coincidem com as do nome do psicanalista que atendia Clarice à época, Jacob David Azulay. As sessões com Azulay estenderam-se por seis anos, de 1968 a 1973, período em que Clarice encontrava-se regularmente com o médico, e possivelmente o período em que trabalhou sobre *Água viva*. O próprio analista comenta, em depoimento a Manzo (1997), que Clarice levava a temática de seus livros para ser discutida em consultório: “Ela citava trechos, e ia construindo seus livros durante as sessões.” (Manzo, 1997, p. 93).

De uma forma ou de outra, fica evidente a tentativa de aproximação do livro (ou da autora, através do livro) aos analistas, à psicanálise, ao atrás do pensamento, ao mais profundo âmago do ser. Deparamo-nos, em *Água viva*, com Clarice às voltas com o disforme, a coisa viva, pulsante, “a vida pura, a geleia viva” (Lispector, 2018, p. 481). Citado novamente Rosenbaum (2002, p. 120), “ela está o tempo todo à procura da essencialidade, da fidelidade ao próprio desejo”, o que se evidencia também através desses dois nomes.

Na página 2 do datiloscrito, encontramos a citação³ que figurará como epígrafe do livro. O trecho citado encontra-se na obra de Michel Seuphor intitulada *Abstract painting: fifty years of accomplishm from Kandinsky to the present*, que teve sua primeira edição em 1964, e a segunda em 1967. Diferentemente de “Objecto gritante”, que possui outras três epígrafes além dessa, sendo duas delas riscadas, a única marca de hesitação nessa página de “Atrás do pensamento” é o ponto de interrogação, entre

³ Reproduzimos a íntegra do parágrafo original: “My report on abstract art does not blind me to the qualities of figurative painting. I like Vuillard, I like Ensor, I like Kokoschka. Our century is sufficiently rich to treat itself to that painting too, including Surrealism. However there had to be a painting wholly liberated from dependence on the figure, the object – a painting which like music, does not illustrate anything, does not launch a myth. Such a painting is content to evoke the incommunicable realms of the spirit, where dream becomes through, where the sign becomes being, where analogy becomes relationship and rhythm.” (Seuphor, 1967, p. 157-158).

parêntesis, após “Michel Seuphor”, sinal que pode indicar tanto uma incerteza sobre incluir ou não esse excerto na obra quanto uma dúvida sobre a real autoria do trecho em questão. Vale observar ainda que, desde a primeira versão do livro, a autora já se valia da pintura para representar a sua busca pelo “atrás do pensamento”, pelos “reinos incomunicáveis do espírito”, mesmo que a substituição da protagonista-escritora pela protagonista-pintora só tenha ocorrido posteriormente.

Na página 3, inicia-se o texto propriamente dito. A mancha textual ocupa grande parte da página, chegando a aproximar-se da margem lateral direita (vale lembrar que se trata de um papel maior que o tamanho padrão A4), o que pode justificar o número menor de páginas desse datiloscrito (151 p.) em comparação com “Objecto gritante” (188 p.). O texto coincide com o que podemos ler em “Objecto gritante” e *Água viva*, porém nem sempre na mesma sequência de frases ou parágrafos – na página 3 de “Atrás do pensamento”, por exemplo, há trechos que vamos encontrar nas páginas 3, 4, 5 e 6 de “Objecto gritante” e nas páginas 9, 20, 25, 26 e 28 de *Água viva*. Ainda assim, observam-se muitas semelhanças com o texto que será posteriormente publicado, à exceção do segundo e terceiro parágrafos da página 6 (em que a autora comenta sobre uma pedra do sertão da Bahia e sobre seus filhos), do terceiro parágrafo da página 8 (a respeito de uma conferência) e dos parágrafos iniciais da página 10 (com o relato sobre dois “eles”), os quais podem ter sido excluídos do livro por se associarem, de alguma forma, a experiências da própria autora.

Por fim, quanto o bilhete “Calo-me...”, este integrava originalmente o conjunto de *A hora da estrela* no Arquivo Clarice Lispector do IMS, tendo sido posteriormente integrado ao conjunto de *Água viva*. O texto desse bilhete aparece à página 59 do romance publicado, com a mesma redação, inclusive sem a presença da frase final, riscada a tinta azul no original. Em *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato* (1981), obra na qual Olga Borelli reuniu fragmentos soltos de Clarice, o texto desse bilhete também é reproduzido. Desta vez, porém, manteve-se o trecho final e foram inseridas vírgulas e dois-pontos: “Viver, afinal de contas, é entre dois nadas: antes do nascimento e depois a morte.” (Borelli, 1981, p. 19).

Ou seja, as características do documento podem-nos fornecer uma compreensão mais alargada de *Água viva*, permitindo elucidar aspectos que permanecem em aberto sobre a gênese da obra, identificar as intervenções que teriam produzido a redução do volume textual entre “Atrás do pensamento” e *Água viva* e evidenciar particularidades da prática escritural de Clarice Lispector. Assim, edição diplomática de “Atrás do pensamento” que ora apresentamos – pelo seu ineditismo e novidade de acesso à fonte no Brasil – pretende subsidiar novas análises e interpretações desse testemunho da obra, bem como abrir caminho para que outros pesquisadores se debrucem sobre a integralidade do datiloscrito e contribuam para a fortuna crítica clariciana.

Normas de edição utilizadas

A edição diplomática que a seguir facultamos teve por objetivo apresentar uma reprodução que integrasse os diferentes elementos da escrita da autora de um modo graficamente legível e que oferecesse uma sequência de páginas que ampliasse as possibilidades de análise e interpretação do documento. Assim, ao longo da transcrição, buscamos a fidelidade tipográfica, mas ressaltamos que esta não é absoluta. A transcrição diplomática segue como critério de base uma diferenciação gráfica dos elementos que clarifica a sua posição na página e visa à compreensão do seu significado. A escolha desse modelo visou dar conta das especificidades da prática de escrita da autora e facilitar a análise dessa prática e das diferenças entre as versões do texto.

Na transcrição diplomática dos elementos, adotamos as seguintes convenções (Cambraia, 2005):

[...]: trecho ilegível;

* : leitura conjecturada;

circa: datação aproximada e conjecturada.

As notas de rodapé constantes abaixo das transcrições descrevem características materiais e elucidam particularidades de cada um dos fólhos do testemunho.

Devido a restrições de acesso ao material, uma vez que a obra clariciana encontra-se protegida pelo direito de autor (Lei nº 9.610/1998), foi-nos autorizado publicar apenas as primeiras dez páginas (Figuras 1 a 10) do dossiê depositado no IMS, seguidas, ao final, da nota em papel avulso “Calo-me” (Figura 11).

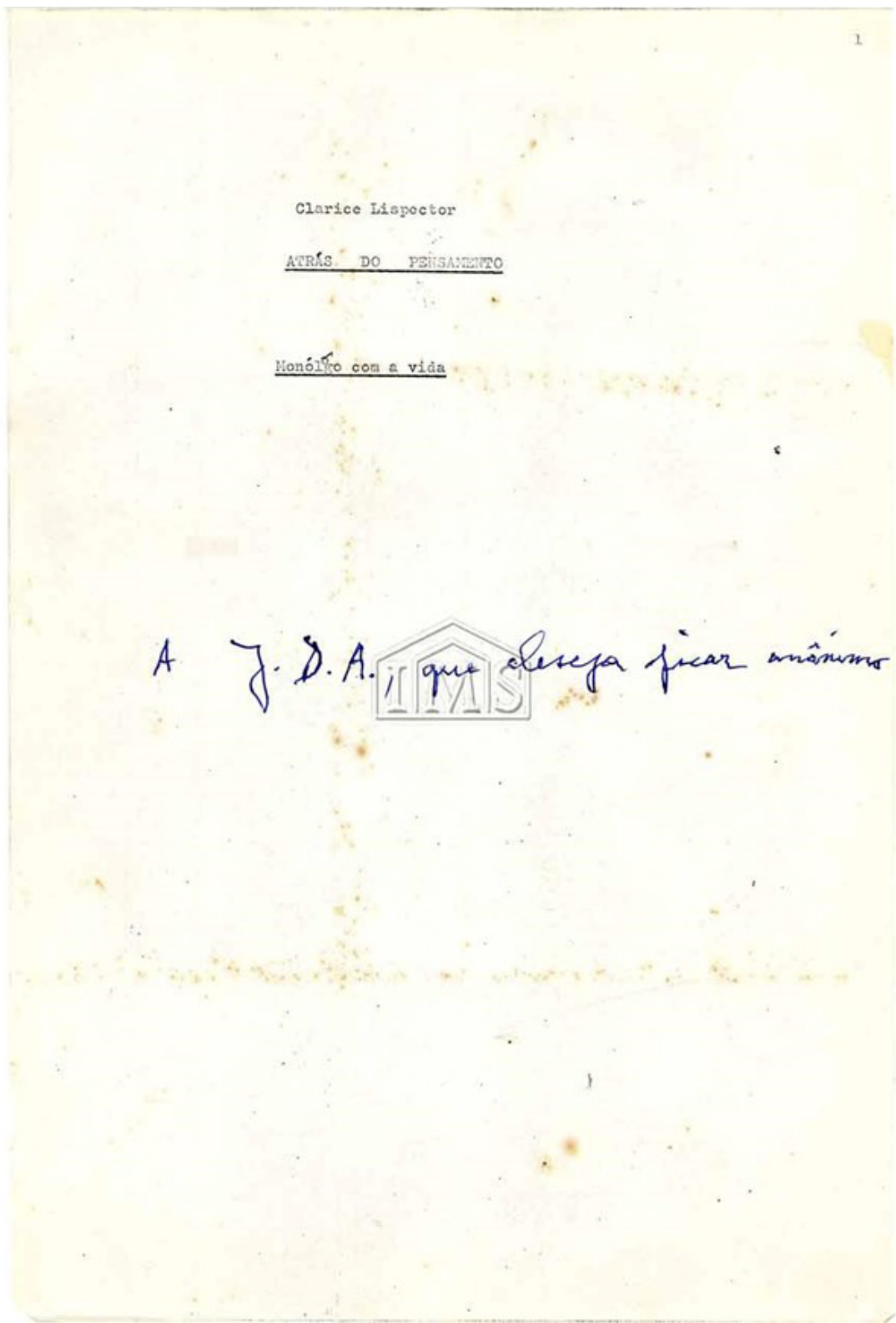


Figura 1. Folha de rosto de Atrás do pensamento
Fonte: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles.

Clarice Lispector

ATRÁS DO PENSAMENTO

Monól^ogo com a vida

A J. D. A., que deseja ficar anônimo⁴

⁴ Texto datilografado em cor não identificada, em papel texturizado, na cor creme, em formato 215×320mm, com acrescentos à tinta azul e em cor não identificada. Ao centro da página, a reprodução digital contém a marca d'água da instituição depositária deste documento. As letras do acrescento à mão "J. D. A." coincidem com as iniciais de Jacob David Azulay, psiquiatra que atendia a autora à época. Data: c. 19...

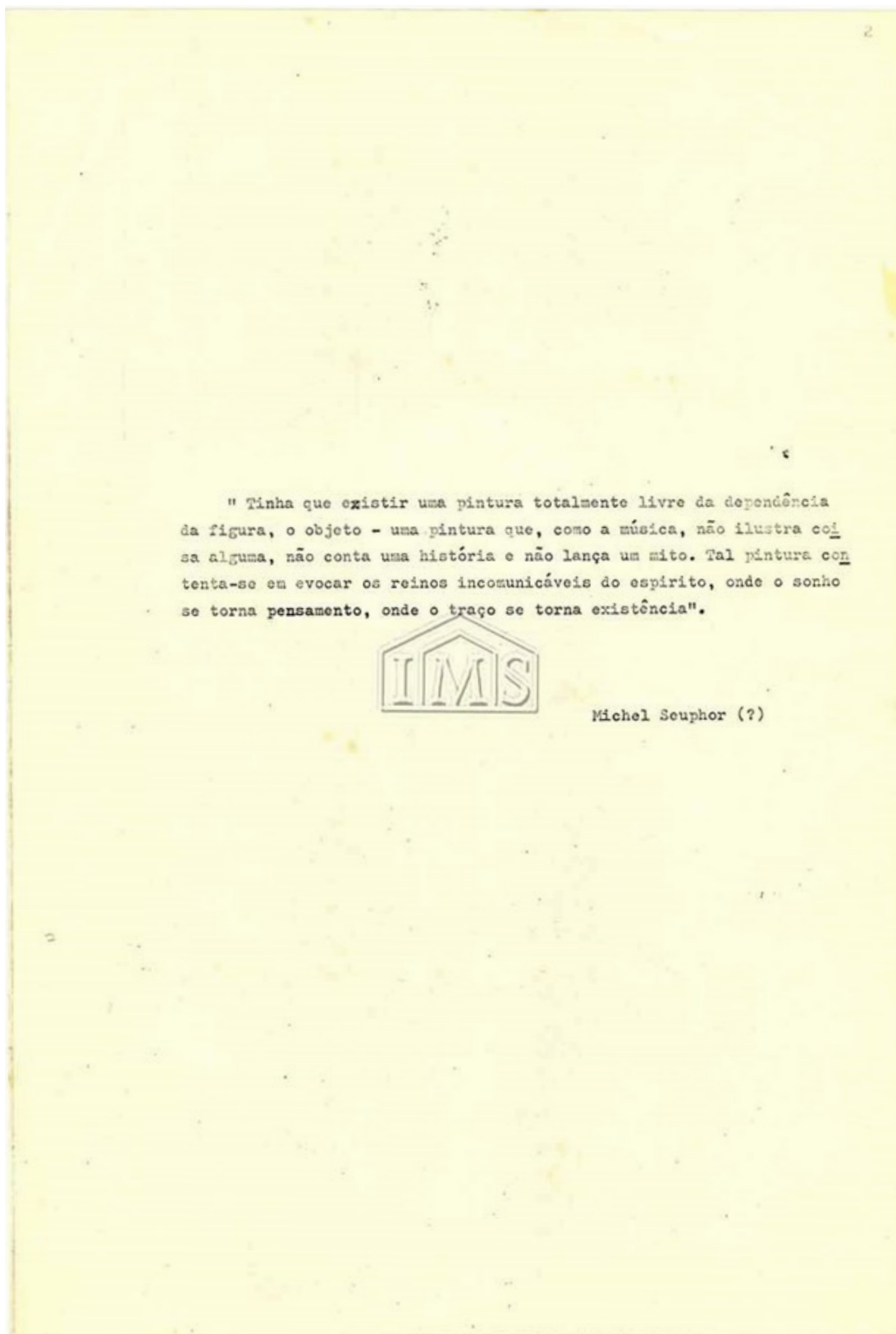


Figura 2. Epígrafe de Atrás do pensamento
Fonte: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles.

“Tinha que existir uma pintura totalmente livre da dependência da figura, o objeto - uma pintura que, como a música, não ilustra coisa alguma, não conta uma história e não lança um mito. Tal pintura tenta-se em evocar os reinos incommunicáveis do espírito, onde o sonho se torna pensamento, onde o traço se torna existência”.

Michel Seuphor (?)⁵

⁵ Michel Seuphor (anagrama de Orpheus) é o pseudônimo de Fernand-Louis Berckelaers (1901-1999), pintor, historiador e crítico de arte. É autor de importantes publicações sobre a pintura e a escultura abstrata no século XX. O trecho citado consta do livro *Abstract painting: fifty years of accomplishment from Kandinsky to the present* (Dell Publishing Co., 1964 [1ª ed.], 1967 [2ª ed.]).

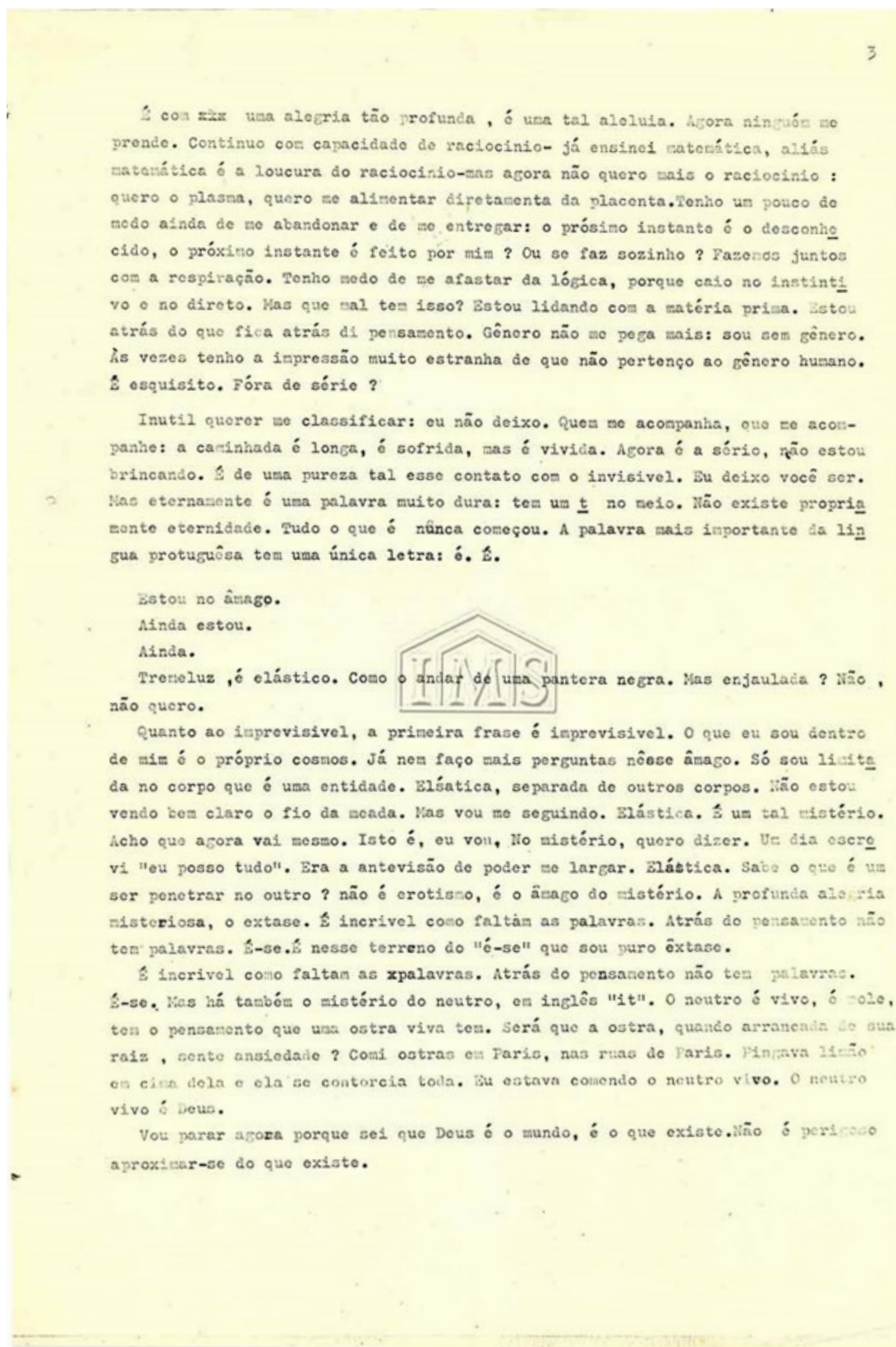


Figura 3. Página 3 de Atrás do pensamento

Fonte: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles.

É com ale uma alegria tão profunda , é uma tal aleluia, agora ninguém me prende. Continuo com capacidade de raciocínio- já ensinei matemática, aliás matemática é a loucura do raciocínio-mas agora não quero mais o raciocínio : quero o plasma, quero me alimentar diretamente da placenta.Tenho um pouco de medo ainda de me abandonar e de me entregar: o próximo instante é o desconhecido, o próximo instante é feito por mim? Ou se faz sozinho ? Fazemos juntos com a respiração. Tenho medo de me afastar da lógica, porque caio no instintivo e no direto. Mas que mal tem isso? Estou lidando com a matéria prima. Estou atrás do que fica atrás di pensamento. Gênero não me pega mais: sou sem gênero. Às vezes tenho a impressão muito estranha de que não pertenço ao gênero humano. É esquisito. Fóra de série ?

Inutil querer me classificar: eu não deixo. Quem me acompanha, que me acompanhe: a caminhada é longa, é sofrida, mas é vivida. Agora é a sério, não estou brincando. É de uma pureza tal esse contato com o invisível. Eu deixo você ser. Mas eternamente é uma palavra muito dura: tem um t no meio. Não existe própria mente eternidade. Tudo o que é n8nca começou. A palavra mais importante da lingua portuguesa tem uma única letra: é. É.

Estou no âmago.

Ainda estou.

Ainda.

Tremeluz , é elástico. Como o andar de uma pantera negra. Mas enjaulada ? Não , não quero.

Quanto ao imprevisível, a primeira frase é imprevisível. O que eu sou dentro de mim é o próprio cosmos. Já nem faço mais perguntas nêsse âmago. Só sou limitada no corpo que é uma entidade. Elástica, separada de outros corpos. Não estou vendo bem claro o fio da meada. Mas vou me seguindo. Elástica. É um tal mistério. Acho que agora vai mesmo. Isto é, eu vou, No mistério, quero dizer. Um dia escrevi “eu posso tudo”. Era a antevisão de poder me largar. Elástica. Sabe o que é um ser penetrar no outro? não é erotismo, é o âmago do mistério. A profunda alegria misteriosa, o êxtase. É incrível como faltam as palavras. Atrás do pensamento não tem palavras. É-se.É nesse terreno do “é-se” que sou puro êxtase. É incrível como faltam as apalavras. Atrás do pensamento não tem palavras. É-se. Mas há também o mistério do neutro, em inglês “it”. O neutro é vivo, é mole, tem o pensamento que uma ostra viva tem. Será que a ostra, quando arrancada de sua raiz , sente ansiedade? Comi ostras em Paris, nas ruas de Paris. Pingava limão em cima dela e ela se contorcia toda. Eu estava comendo o neutro vivo. O neutro vivo é Deus.

Vou parar agora porque sei que Deus é o mundo, é o que existe.Não é perigoso aproximar-se do que existe.

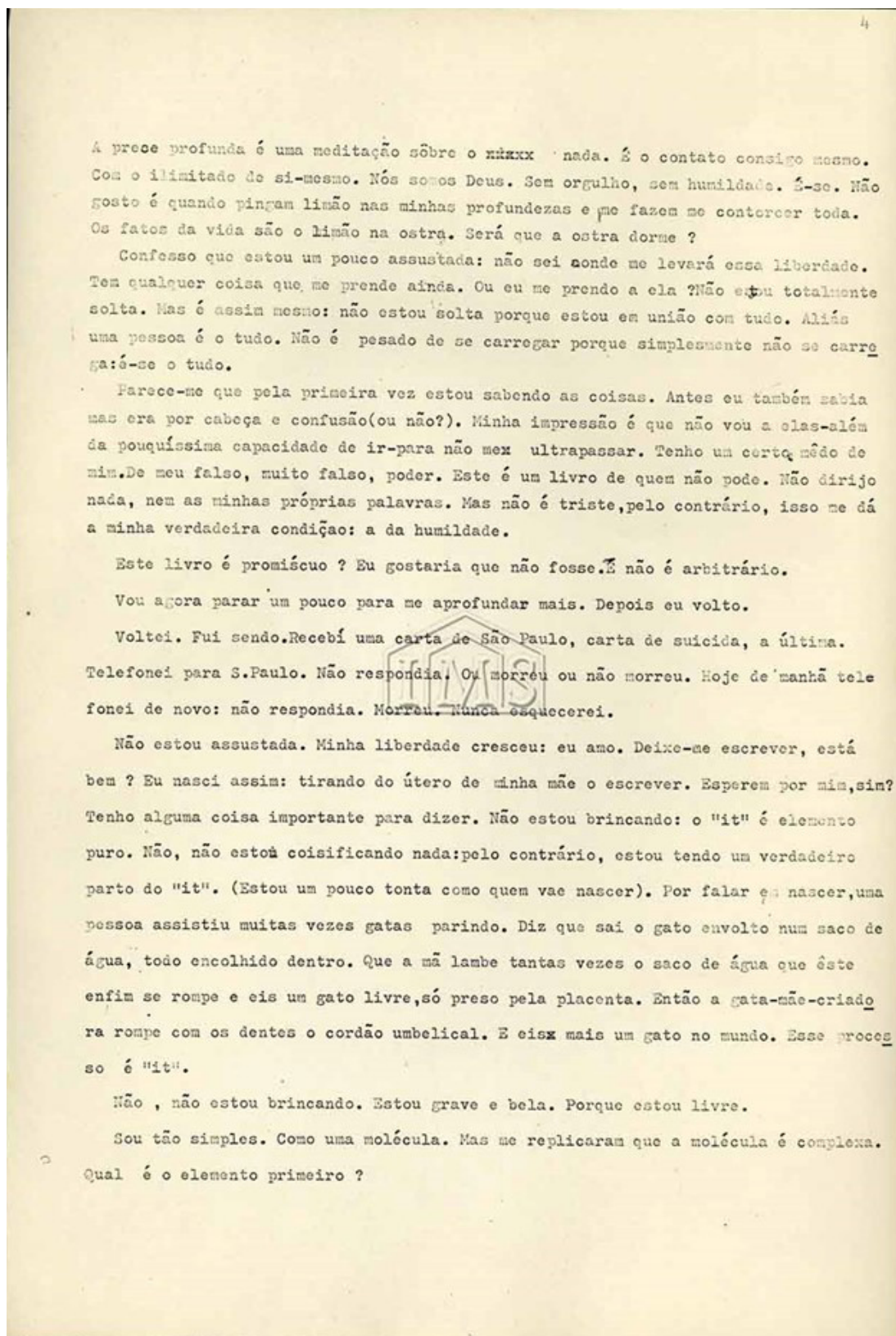


Figura 4. Página 4 de Atrás do pensamento
 Fonte: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles.

A prece profunda é uma meditação sôbre o ndaxx nada. É o contato consigo mesmo. Com o ilimitado de si-mesmo. Nós somos Deus. Sem orgulho, sem humildade. É-se. Não gosto é quando pingam limão nas minhas profundezas e me fazem me contorcer toda. Os fatos da vida são o mimão na ostra. Será que a ostra dorme?

Confesso que estou um pouco assustada: não sei aonde me levará essa liberdade. Tem qualquer coisa que me prende ainda. Ou eu me prendo a ela? Não estou totalmente solta. Mas é assim mesmo: não estou solta porque estou em união com tudo. Aliás uma pessoa é o tudo. Não é pesado de se carregar porque simplesmente não se carrega: é-se o tudo.

Parece-me que pela primeira vez estou sabendo as coisas. Antes eu também sabia mas era por cabeça e confusão(ou não?). Minha impressão é que não vou a elas-além da pouquíssima capacidade de ir-para não meu ultrapassar. Tenho um certo medo de mim. De meu falso, muito falso, poder. Este é um livro de quem não pode. Não dirijo nada, nem as minhas próprias palavras. Mas não é triste, pelo contrário, isso me dá a minha verdadeira condição: a da humildade.

Este livro é promiscuo? Eu gostaria que não fosse. É não é arbitrário.

Vou agora parar um pouco para me aprofundar mais. Depois eu volto.

Voltei. Fui sendo. Recebí uma carta de São Paulo, carta de suicida, a última. Telefonei para S. Paulo. Não respondia. Ou morreu ou não morreu. Hoje de manhã telefonei de novo: não respondia. Morreu. Nunca esquecerei.

Não estou assustada. Minha liberdade cresceu: eu amo. Deixe escrever, está bem? Eu nasci assim: tirando do útero de minha mãe o escrever. Esperem por mim, sim? Tenho alguma coisa importante para dizer. Não estou brincando: o “it” é elemento puro. Não, não estou coisificando nada: pelo contrário, estou tendo um verdadeiro parto do “it”. (Estou um pouco tonta como quem vae nascer). Por falar em nascer, uma pessoa assistiu muitas vezes gatas parindo. Diz que sai o gato envolto num saco de água, todo encolhido dentro. Que a mã lambe tantas vezes o saco de água que este enfim se rompe e eis um gato livre, só preso pela placenta. Então a gata-mãe-criadora rompe com os dentes o cordão umbelical. E eisr mais um gato no mundo. Esse processo é “it”.

Não, não estou brincando. Estou grave e bela. Porque estou livre.

Sou tão simples. Como uma molécula. Mas me replicaram que a molécula é complexa. Qual é o elemento primeiro?

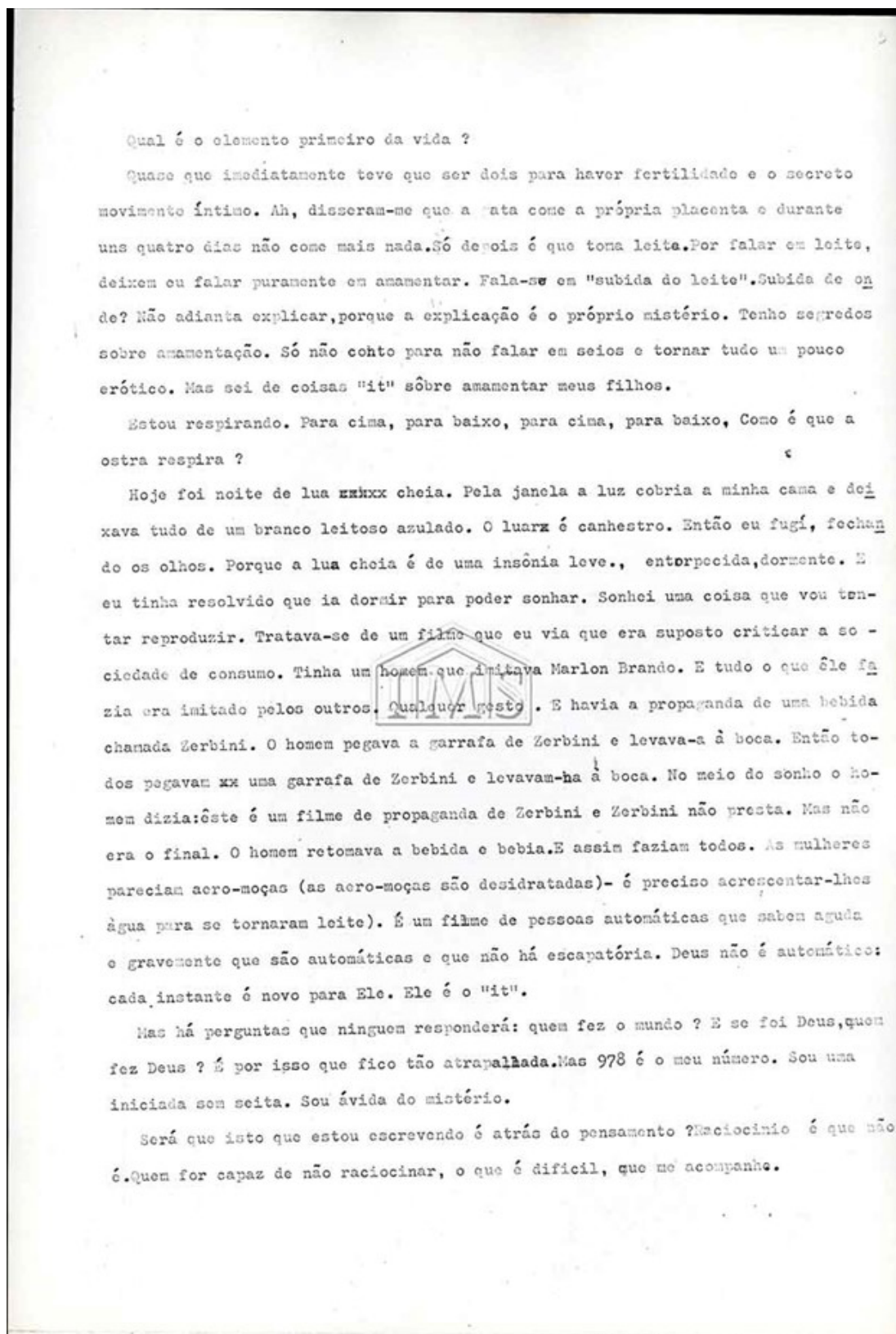


Figura 5. Página 5 de Atrás do pensamento
Fonte: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles.

Qual é o elemento primeiro da vida ?

Quase que imediatamente teve que ser dois para haver fertilidade e o secreto movimento íntimo. Ah, disseram-me que a ata come a própria placenta e durante uns quatro dias não come mais nada. Só depois é que toma leite. Por falar em leite, deixem eu falar puramente em amamentar. Fala-se em “subida do leite”. Subida de onde? Não adianta explicar, porque a explicação é o próprio mistério. Tenho segredos sobre amamentação. Só não conto para não falar em seios e tornar tudo um pouco erótico. Mas sei se coisas “it” sôbre amamentar meus filhos.

Estou respirando. Para cima, para baixo, para cima, para baixo, Como é que a ostra respira?

Hoje foi noite de lua cheia. Pela janela a luz cobria a minha cama e deixava tudo de um branco leitoso azulado. O luar é canhestro. Então eu fugi, fechando os olhos. Porque a lua cheia é de uma insônia leve., entorpecida, dormente. E eu tinha resolvido que ia dormir para poder sonhar. Sonhei uma coisa que vou tratar reproduzir. Tratava-se de um filme que eu via que era suposto criticar a sociedade de consumo. Tinha um homem que imitava Marlon Brando. E tudo o que ele fazia era imitado pelos outros. Qualquer gesto. E havia a propaganda de uma bebida chamada Zerbini. O homem pegava a garrafa de Zerbini e levava-a à boca. Então todos pegavam a- uma garrafa de Zerbini e levavam-na à boca. No meio do sonho o homem dizia: este é um filme de propaganda de Zerbini e Zerbini não presta. Mas não era o final. O homem retomava a bebida e bebia. E assim faziam todos. As mulheres pareciam aero-moças (as aero-moças são desidratadas)- é preciso acrescentar-lhes água para se tornarem leite). É um filme de pessoas automáticas que sabem aguda e gravemente que são automáticas e que não há escapatória. Deus não é automático: cada instante é novo para Ele. Ele é o “it”.

Mas há perguntas que ninguém responderá: quem fez o mundo ? E se foi Deus, quem fez Deus ? É por isso que fico tão atrapalhada. Mas 978 é o meu número. Sou uma iniciada sem seita. Sou ávida do mistério.

Será que isto que estou escrevendo é atrás do pensamento ? Raciocínio é que não é. Quem for capaz de não raciocinar, o que é difícil, que me acompanhe.⁶

⁶ Na reprodução digital, o papel desta página parece diferir dos anteriores, mas a consulta presencial ao acervo permitiu confirmar que o papel é o mesmo em todas as páginas do dossiê.

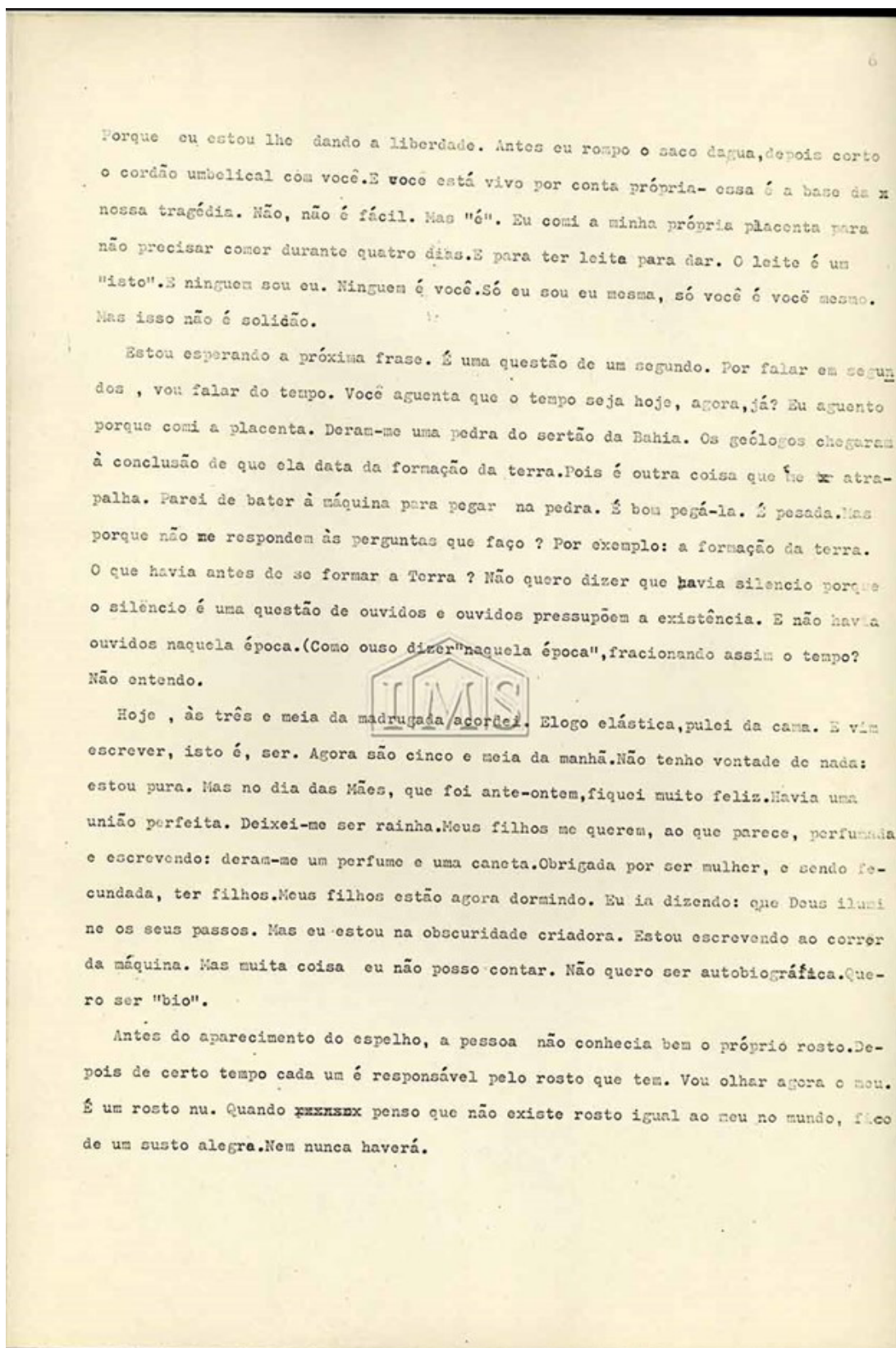


Figura 6. Página 6 de Atrás do pensamento
 Fonte: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles.

Porque eu estou lhe dando a liberdade. Antes eu rompo o saco da água, depois corto o cordão umbelical com você. E você está vivo por conta própria - essa é a base da nossa tragédia. Não, não é fácil. Mas “é”. Eu comi a minha própria placenta para não precisar comer durante quatro dias. E para ter leite para dar. O leite é um “isto”. E ninguém sou eu. Ninguém é você. Só eu sou eu mesma, só você é você mesmo. Mas isso não é solidão.

Estou esperando a próxima frase. É uma questão de segundo. Por falar em segundos, vou falar do tempo. Você aguenta que o tempo seja hoje, agora, já? Eu aguento porque comi a placenta. Deram-me uma pedra do sertão da Bahia. Os geólogos chegaram à conclusão de que ela data da formação da terra. Pois é outra coisa que me atrapalha. Parei de bater à máquina para pegar na pedra. É bom pegá-la. É pesada. Mas porque não me respondem às perguntas que faço? Por exemplo: a formação da terra. O que havia antes de se formar a Terra? Não quero dizer que havia silêncio porque o silêncio é uma questão de ouvidos e ouvidos pressupõem a existência. E não havia ouvidos naquela época. (Como ousou dizer “naquela época”, fracionando assim o tempo? Não entendo.

Hoje, às três e meia da madrugada acordei. Elogio elástica, pulei da cama. E vim escrever, isto é, ser. Agora são cinco e meia da manhã. Não tenho vontade de nada: estou pura. Mas no dia das Mães, que foi ante-onde, fiquei muito feliz. Havia uma união perfeita. Deixei-me ser rainha. Meus filhos me querem, ao que parece, perfumada e escrevendo: deram-me um perfume e uma caneta. Obrigada por ser mulher, e sendo fecundada, ter filhos. Meus filhos estão agora dormindo. Eu ia dizendo: que Deus ilumine os seus passos. Mas eu estou na obscuridade criadora. Estou escrevendo ao correr da máquina. Mas muita coisa eu não posso contar. Não quero ser autobiográfica. Quero ser “bio”.

Antes do aparecimento do espelho, a pessoa não conhecia bem o próprio rosto. Depois de certo tempo cada um é responsável pelo rosto que tem. Vou olhar agora o meu. É um rosto nu. Quando penso que não existe rosto igual ao meu no mundo, fico de um susto alegre. Nem nunca haverá.

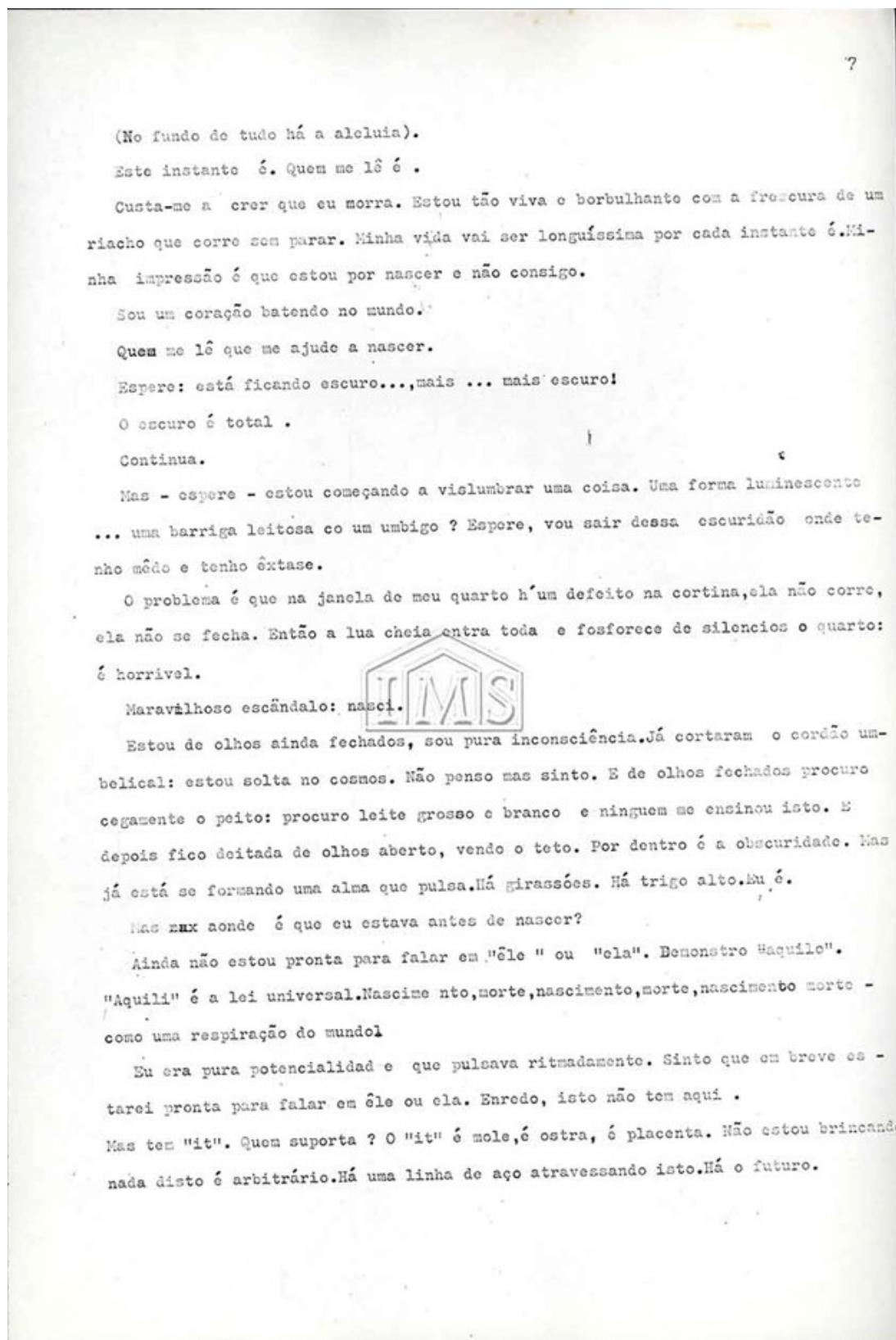


Figura 7. Página 7 de Atrás do pensamento

Fonte: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles.

(No fundo de tudo há a aleluia).

Este instante é. Quem me lê é .

Custa-me a crer que eu morra. Estou tão viva e borbulhante com a frescura de um riacho que corre sem parar. Minha vida vai ser longuíssima por cada instante é. Minha impressão é que estou por nascer e não consigo.

Sou um coração batendo no mundo.

Quem me lê que me ajude a nascer.

Espere: está ficando escuro...,mais ... mais escuro!

O escuro é total .

Continua.

Mas - espere - estou começando a vislumbrar uma coisa. Uma forma luminescente ... uma barriga leitosa com um umbigo ? Espere, vou sair dessa escuridão onde tenho medo e tenho êxtase.

O problema é que na janela de meu quarto h'um defeito na cortina,ela não corre, ela não se fecha. Então a lua cheia entra toda e fosforece de silêncios e quarto: é horrível.

Maravilhoso escândalo: nasci.

Estou de olhos ainda fechados, sou pura inconsciência. Já cortaram o cordão umbilical: estou solta no cosmos. Não penso mas sinto. E de olhos fechados procuro cegamente o peito: procuro leite grosso e branco e ninguém me ensinou isto. E depois fico deitada de olhos abertos, vendo o teto. Por dentro é a obscuridade. Mas lá está se formando uma alma que pulsa. Há girassóis. Há trigo alto. Eu é.

Mas o que aonde é que eu estava antes de nascer?

Ainda não estou pronta para falar em “ele “ ou “ela”. Demonstro “aquilo”. “Aquilo” é a lei universal. Nasce morte, nascimento, morte, nascimento morte – como uma respiração do mundo.

Eu era pura potencialidade e que pulsava ritmadamente. Sinto que em breve estarei pronta para falar em ele ou ela. Enredo, isto não tem aqui . Mas tem “it”. Quem suporta ? O “it” é mole, é ostra, é placenta. Não estou brincando nada disto é arbitrário. Há uma linha de aço atravessando isto. Há o futuro.

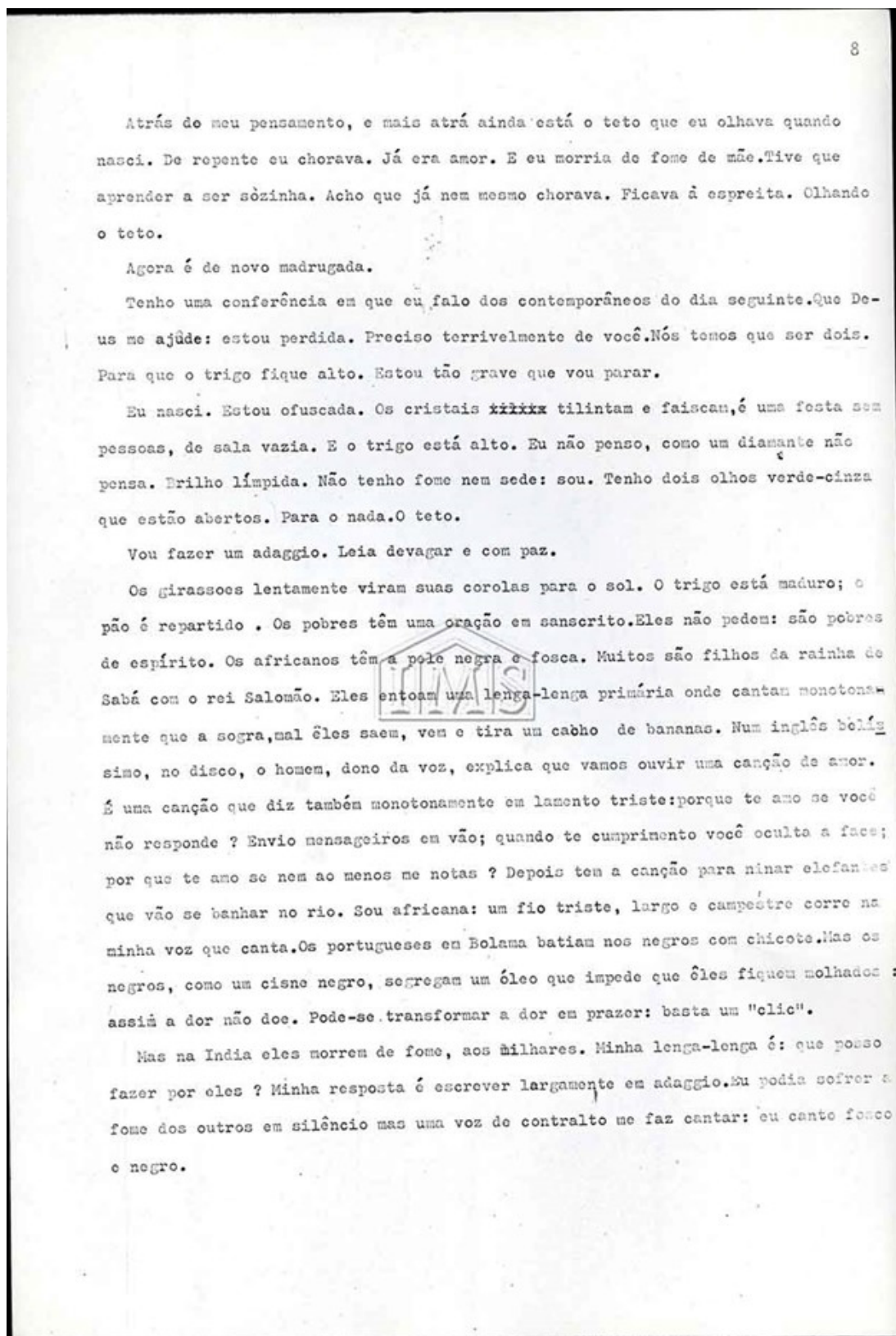


Figura 8. Página 8 de Atrás do pensamento
 Fonte: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles.

Atrás do meu pensamento, e mais atrás ainda está o teto que eu olhava quando nasci. De repente eu chorava. Já era amor. E eu morria de fome de mãe. Tive que aprender a ser sòzinha. Acho que já nem mesmo chorava. Ficava à espreita. Olhando o teto.

Agora é de novo madrugada.

Tenho uma conferência em que falo dos contemporâneos do dia seguinte. Que Deus me ajude: estou perdida. Preciso terrivelmente de você. Nós temos que ser dois. Para que o trigo fique alto. Estou tão grave que vou parar.

Eu nasci. Estou ofuscada. Os cristais tilita tilintam e faiscam, é uma festa sem pessoas, de sala vazia. E o trigo está alto. Eu não penso, como um diamante não pensa. Brilho límpida. Não tenho fome nem sede: sou. Tenho dois olhos verde-cinza que estão abertos. Para o nada. O teto.

Vou fazer um adaggio. Leia devagar e com paz.

Os girassoes lentamente viram suas corolas para o sol. O trigo está maduro; o pão é repartido. Os pobres têm uma oração em sanscrito. Eles não pedem: são pobres de espírito. Os africanos têm a pele negra e fosca. Muitos são filhos da rainha de Sabá com o rei Salomão. Eles entoam uma lenga-lenga primária onde cantam monotonamente que a sogra, mal eles saem, vem e tira um cacho de bananas. Num inglês belíssimo, no disco, o homem, dono da voz, explica que vamos ouvir uma canção de amor. É uma canção que diz também monotonamente em lamento triste: porque te amo se você não responde? Envio mensageiros em vão; quando te cumprimento você oculta a face; por que te amo se nem ao menos me notas? Depois tem a canção para ninar elefantes que vão se banhar no rio. Sou africana: um fio triste, largo e campestre corre na minha voz que canta. Os portugueses em Bolama batiam nos negros com chicote. Mas os negros, como um cisne negro, segregam um óleo que impede que eles fiquem molhados: assim a dor não doe. Pode-se transformar a dor em prazer: basta um “clic”.

Mas na Índia eles morrem de fome, aos milhares. Minha lenga-lenga é: que posso fazer por eles? Minha resposta é escrever largamente em adaggio. Eu podia sofrer a fome dos outros em silêncio mas uma voz de contralto me faz cantar: eu canto fosco e negro.

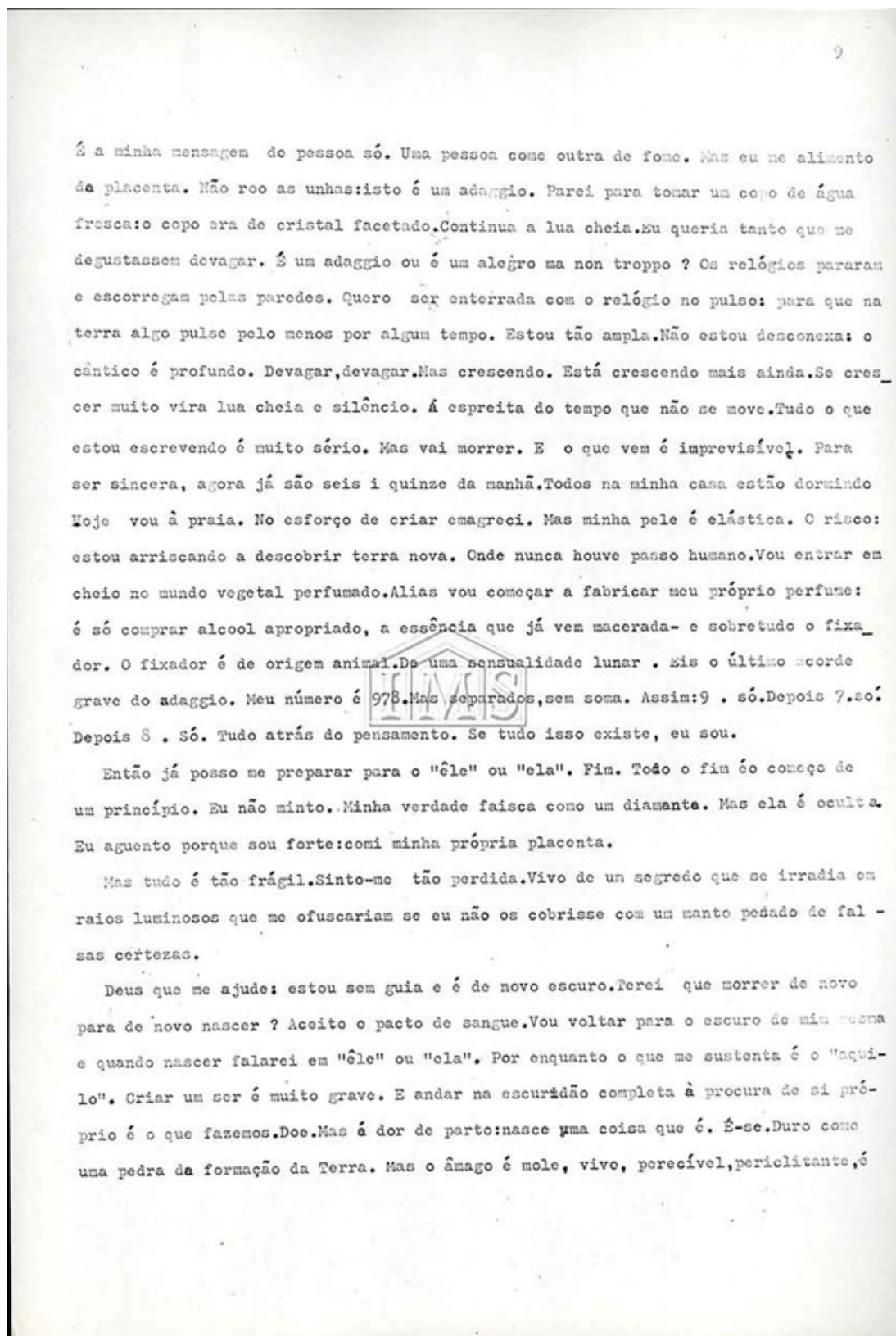


Figura 9. Página 9 de Atrás do pensamento
 Fonte: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles.

É a minha mensagem de pessoa só. Uma pessoa come outra de fome. Mas eu me alimento da placenta. Não roo as unhas:isto é um adaggio. Parei para tomar um copo de água fresca:o copo era de cristal facetado.Continua a lua cheia.Eu queria tanto que me degustassem devagar. É um adaggio ou é um alegre ma non troppo ? Os relógios pararam e escorregam pelas paredes. Quero ser enterrada com o relógio no pulso: para que na terra algo pulse pelo menos por algum tempo. Estou tão ampla.Não estou desconexa: o cântico é profundo. Devagar ,devagar.Mas crescendo. Está crescendo mais ainda.Se crescer muito vira lua cheia e silêncio. Á espreita do tempo que não se move.Tudo o que estou escrevendo é muito sério. Mas vai morrer. E o que vem é imprevisível. Para ser sincera, agora já são seis i quinze da manhã.Todos na minha casa estão dormindo Hoje vou à praia. No esforço de criar emagreci. Mas minha pele é elástica. O risco: estou arriscando a descobrir terra nova. Onde nunca houve passo humano.Vou entrar em cheio no mundo vegetal perfumado.Alias vou começar a fabricar meu próprio perfume: é só comprar alcool apropriado, a essência que já vem macerada- e sobretudo o fixador. O fixador é de origem animal.De uma sensualidade lunar . Eis o último acorde grave do adaggio. Meu número é 978.Mas separados,sem soma. Assim:9 . só.Depois 7.só. Depois 8 . Só. Tudo atrás do pensamento. Se tudo isso existe, eu sou.

Então já posso me preparar para o “êle” ou “ela”. Fim. Todo o fim éo começo de um princípio. Eu não minto. Minha vontade faísca como um diamante. Mas ela é oculta. Eu aguento porque sou forte:comi minha própria placenta.

Mas tudo é tão frágil.Sinto-me tão perdida.Vivo de um segredo que se irradia em raios luminosos que me ofuscariam se eu não os cobrisse com um manto pedado de fal – sas certezas.

Deus que me ajude: estou sem guia e é de novo escuro.Terei que morrer de novo para de novo nascer ? Aceito o pacto de sangue.Vou voltar para o escuro de mim mesma e quando nascer falarei em “êle” ou “ela”. Por enquanto o que me sustenta é o “aquilo”. Criar um ser é muito grave. E andar na escuridão completa à procura de si próprio é o que fazemos.Doe.Mas é dor de parto:nasce uma coisa que é. É-se.Duro como uma pedra da formação da Terra. Mas o âmago é mole, vivo, precível,periclitante,é

vida de um material elementar.

Escutem: eu vi "êle". Sei que o certo é escrever "eu o vi". Mas preciso da palavra íntegra de "êle". Ele tem um olhar de fogo. E anda sem pressa. Meu contato com êle é pelo olhar: olhamo-nos tão profundamente que, sem contato físico, criamos um filho. Então custa-me a crer que se morre. Ele tem olhos tão pretos. Mas caminha com passos lentos e elásticos como o de uma pantera. Tem tempo dentro de si. É tão homem que não teme usar camisas quase femininas.

Antes eu vivia nas trevas: agora tenho a lucidez inconsciente total. É muito bom. É a plenitude.

O outro "êle" leva uma vida completamente desordenada, não usa relógio, não usa carteira. Bebe muito. Mas bebe à procura de Deus. E, sem relógio, é pontual. Ele escreveu num cartão que estava à mesa de um night-club: "Comecei te amando com o meu desespero. Agora te amo com a minha esperança. Ela leu e ficou calada. Então êle pegou de novo no cartão e escreveu: "Por Deus eu te deixaria."

Só eu conheço profundamente este êle.

Assim tenho dois "êles" dentro de mim. Mas "êles" são um. E eu com esse um, sou um. Acho que não vou morrer no instante seguinte porque o médico que me examinou ~~me~~ detidamente disse que estou em perfeita saúde. Está vendo? O instante passou e eu ~~me~~ não morri. Quero que me enterrem diretamente na terra, mesmo dentro de caixão. Não quero ser engavetada na parede como no cemitério S. João Batista que não tem mais lugar na terra. Então inventaram essas diabólicas paredes onde se fica como num arquivo.

Agora é um instante. Você sente? Eu senti.

O ar é "it" e não tem perfume. Também gosto. E gosto de perfumes ~~que~~ sejam um pouco agrestes, um pouco ásperos. Mas gosto do jasmim bem almiscarado, porque sua doçura é uma entrega à lua. Uma amiga fez para mim geléia de rosas pequenas e vermelhas: o gosto benze a gente ao mesmo tempo que nos acomete. Como reproduzir em palavras o gosto? Quanto à música depois de tocada, para onde ela vai? Música de câmara é abstração pura. De concreto só tem mesmo o instrumento. Bem atrás do pensamento, mas bem atrás, eu tenho sempre um fundo musical. Mas, ainda mais atrás,

Figura 10. Página 10 de Atrás do pensamento

Fonte: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles.

vida de um material elementar.

Escutem: eu vi “êle”. Sei que o certo é escrever “eu o vi”. Mas preciso da palavra íntegra de “êle”. Ele tem um olhar de fogo. E anda sem pressa. Meu contato com êle é pelo olhar: olhamo-nos tão profundamente que, sem contato físico, criamos um filho. Então custa-me a crer que se morre. Ele tem olhos tão pretos. Mas caminha com passos lentos e elásticos como o de uma pantera. Tem tempo dentro de si. É tão homem que não teme usar camisas quase femininas.

Antes eu vivia nas trevas: agora tenho a lucidez inconsciente total. É muito bom. É a plenitude.

O outro “êle” leva uma vida completamente desordenada, não usa relógio, não usa carteira. Bebe muito. Mas bebe à procura de Deus. E, sem relógio, é pontual. Ele escreveu num cartão que estava à mesa de um night-club: “Comecei te amando com o meu desespero. Agora te amo com a minha esperança. Ela leu e ficou calada. Então êle pegou de novo no cartão e escreveu:” Por Deus eu te deixaria.”

Só eu conheço profundamente este êle.

Assim tenho dois “êles” dentro de mim. Mas “êles” são um. E eu com êsse um, sou um. Acho que não vou morrer no instante seguinte porque o médico que me examinou detidamente disse que estou em perfeita saúde. Está vendo? O instante passou e eu não morri. Quero que me enterrem diretamente na terra, mesmo dentro de caixão. Não quero ser engavetada na parede como no cemitério S. João Batista que não tem mais lugar na terra. Então inventaram essas diabólicas paredes onde se fica como num arquivo.

Agora é um instante. Você sente? Eu senti.

O ar é “it” e não tem perfume. Também gosto. E gosto de perfumes audaxdjx que sejam um pouco agrestes, um pouco ásperos. Mas gosto do jasmim bem almiscarado, por que sua doçura é uma entrega à lua. Uma amiga fez para mim geléia de rosas pequenas e vermelhas: o gosto benze a gente ao mesmo tempo que nos acomete. Como reproduzir em palavras o gosto? Quanto à música depois de tocada, para onde ela vai? Música de câmara é abstração pura. De concreto só tem mesmo o instrumento. Bem atrás do pensamento, mas bem atrás, eu tenho sempre um fundo musical. Mas, ainda mais atrás,

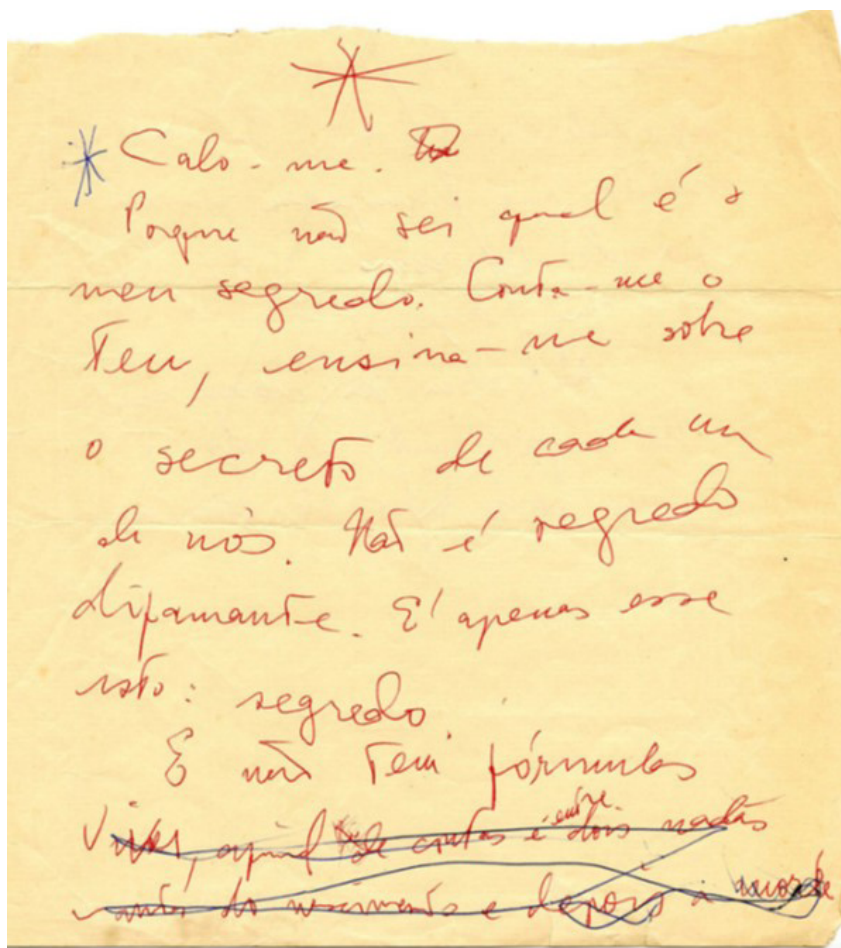


Figura 11. Bilhete manuscrito "Calo-me"

Fonte: <https://site.claricelispector.ims.com.br/2014/04/28/sem-formulas/>.

Calo-me. ~~Na~~
Porque não sei qual é o
meu segredo. Conta-me o
teu, ensina-me sobre
o secreto de cada um
de nós. Não é segredo
difamante. É apenas esse
isto: segredo.
E não tem fórmulas
~~Viver, afinal de contas é entre dois nada~~
~~antes do nascimento e depois a morte~~⁷

⁷ Texto manuscrito à tinta vermelha e riscado à azul, em papel texturizado, na cor creme, em formato 215×320mm, rasgado na parte superior. Há duas inscrições em formato de asterisco, que não parecem se relacionar ao texto. No verso, também à tinta vermelha e riscado à azul, lê-se "(...) coisas, é só chorar. É atividade criativa. Eu imediatamente me transformo numa grande lágrima. Ah, sim, eu me respeito. Ah, estou tão desanimada. Não é por nada, é só um certo tipo de cansaço".

REFERÊNCIAS

- Borelli, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- Cambraia, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Lispector, Clarice. *Água viva: ficção*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- Lispector, Clarice. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2018.
- Manzo, Lícia. *Era uma vez: Eu – a não-ficção na obra de Clarice Lispector*. Curitiba: Secretaria de Estado de Cultura: The Document Company-Xerox do Brasil, 1997.
- Montero, Teresa. *À procura da própria coisa: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.
- Moser, Benjamin. *Clarice*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- Pessanha, José Américo Motta. O conselho do amigo: carta à Clarice Lispector. In: Lispector, Clarice. *Água viva: edição com manuscritos e ensaios inéditos*. Editado por Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Rocco, 2019. p. 133-137.
- Rosenbaum, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- Seuphor, Michel. *Abstract painting: fifty years of accomplishm from Kandinsky to the presente*. New York: Dell Publishing Co., 1967.
- Severino, Alexandrino. As duas versões de *Água viva*. *Remate de Males*, Campinas, v. 9, p. 115-118, 1989.